

# Dúvidas sobre a retomada da economia

Economistas têm sugestões que vão de queda dos juros a investimento em infra-estrutura e corte de gasto público

## ENTREVISTA

**Pedro C. Ferreira  
e Leda Paulani**

tilham da mesma dose de pessimismo em relação às perspectivas de crescimento brasileiro a longo prazo. Presidente da Sociedade Brasileira de Economia Política (SEP) e professora da Universidade de São Paulo (USP), ela não esconde a decepção com os resultados

Diametralmente opostos em seus pontos de vista, Leda Paulani e Pedro Cavalcanti Ferreira compar-

da política econômica do presidente que ajudou a eleger em 2002 — expressos na expansão de apenas 2,3% do Produto Interno Bruto (PIB) no ano passado. De Brasília, em entrevista ao GLOBO por telefone, Leda condena a manutenção pela equipe econômica de Lula “do modelo neoliberal do antecessor”, Fernando Henrique. Ela defende a queda dos juros e quer que o Estado assuma o leme dos investimentos, para que o país reencontre o crescimento sustentado. No Rio,

Pedro Cavalcanti Ferreira, professor da Escola de Pós-Graduação em Economia da Fundação Getúlio Vargas (EPGE-FGV), duvida do efeito devastador da política monetária na atividade econômica. Para ele, um estudioso dos ciclos de longo prazo, o Brasil perde tempo com debates conjunturais, enquanto desperdiça oportunidades de resolver os entraves estruturais ao crescimento sustentado: “Continuaremos com desempenho, na média, medíocre”. E Leda faz coro.

Marco Antônio Teixeira/9-5-2003

Flávia Oliveira

**O GLOBO:** Como vêem a expansão recém-anunciada pelo IBGE de 2,3% do Produto Interno Bruto (PIB) em 2005?

**PEDRO CAVALCANTI FERREIRA:** Grande parte das pessoas está vendendo isso como problema da política monetária, mas houve uma quebra de safra muito grande e variações cíclicas. Não estou convencido de que o impacto dos juros seja tão forte. Temos de ver os mecanismos de transmissão, que vão dos juros (básicos) para o crédito e o investimento. O investimento é feito com crédito do BNDES, empréstimos em dólar ou capital próprio. Então, não seria um canal tão forte. E ninguém me convenceu até agora sobre o crédito ser tão importante.

**LEDA PAULANI:** Considerando a performance da economia mundial, dos países menos desenvolvidos e da América Latina, o resultado é lamentável, para dizer o mínimo. A economia mundial continua num momento muito bom, puxada pela China, pelos EUA e por um alto grau de liquidez internacional. Um país como o Brasil que, segundo o próprio governo está tão equilibrado, tão saudável, teria todas as condições de ter um crescimento muito melhor.

• Não é uma contradição que um país com fundamentos tão sólidos tenha um crescimento tão baixo?

**LEDA:** De duas uma: ou não é verdade que a solidez existe ou ela existe e eles são incompetentes. Se os fundamentos são adequados, o governo só pode estar fazendo alguma coisa errada.

• O que a senhora acha: é mentira ou é incompetência?

**LEDA:** É um pouco das duas coisas. Estamos num momento muito peculiar da economia mundial. Tão peculiar que, apesar de a taxa de câmbio estar tão sobrevalorizada, o país ainda tem superávit na balança comercial. Agora, ninguém sabe que caminho vai tomar a economia americana, até quando vai a bonança.

• A economia mundial vai bem, mas o Brasil apresentou crescimento inferior à média dos países. Na América Latina só superou o Haiti, que cresceu 1,5%. Por quê?

**FERREIRA:** Temos de tomar cuidado porque alguns países que cresceram muito estão recuperando terreno perdido. Nos últimos dez anos, a Ar-

*“Se os fundamentos são os necessários para o crescimento, o governo só pode estar fazendo algo errado.”*

*“O que atrapalhou o Brasil foi a mistura de compromissos com determinados interesses e, de outro lado, o absoluto conservadorismo.”*

LEDA PAULANI

gentina não cresceu mais que o Brasil. Na média, ou empatou ou perdeu ligeiramente. Obviamente, diante das quedas que ela sofreu depois da desvalorização, as pessoas ficam animadas com o crescimento argentino. Mas o país está numa situação mais delicada que a do Brasil, porque está voltando a ter um processo inflacionário e os preços ainda estão controlados. Há, no entanto, uma dimensão internacional que é positiva para o Brasil que são os preços das commodities. O boom internacional tem todo o jeito de que vai continuar e isso nos favorece muito.

**LEDA:** Está aumentando o hiato de desenvolvimento. Cada vez que a gente cresce menos que o mundo, nossa distância vai aumentando. O que atra-

pouhou o Brasil foi, de um lado, a mistura de compromissos com determinados interesses e, de outro, o absoluto e total conservadorismo. É evidente que todos sabemos que é impossível os juros ficarem no nível em que estão. É uma taxa que cabe em situações de calamidade, em situações para enfrentar crises. Agora, nesse céu de brigadeiro que o governo Lula pegou nada justifica uma taxa de juros desse tamanho (17,25% ao ano). Esse regime de metas inflacionárias é absolutamente inadequado para o Brasil. O modelo atinge um universo que não passa de 30% dos itens que compõem os índices de preços. Você amarra o país todo por 30% do universo de preços. É tão disparatado que eu acho que nem eles mesmos acreditam no que fazem.

• Segundo o IBGE, o Brasil cresceu em média 2,2% ao ano nos cinco e nos dez últimos anos. O país se acomodou com esse patamar de crescimento?

**FERREIRA:** É com isso que a gente fica preocupado. Devíamos sair dos componentes cíclicos e olhar os componentes mais estruturais. O Brasil vem tendo uma história recente de um crescimento muito acelerado do tamanho do Estado, de taxa. Saímos de uma economia em que o governo tinha 25% do PIB e está chegando a 40%. Isso significa uma brutal retirada de recursos e de retorno dos investimentos e das atividades privadas para o governo. As pessoas não estão prestando tanta atenção a isso, mas há um impacto sobre o crescimento muito forte. Outra coisa é que

a qualidade do gasto do governo piorou muito. O governo, que já chegou a investir mais de 5% do PIB, hoje mal investe 2%. Fiz um trabalho para o Banco Mundial sobre financiamento de infra-estrutura que mostrava que se o investimento voltasse a 4%, garantiria mais 0,5% de crescimento pelos próximos dez, 20 anos. É um impacto considerável, mas não se está investindo absolutamente nada em infra-estrutura e está havendo uma deterioração do gasto público e também da estrutura tributária, que é muito distorcida.

• O investimento foi uma das variáveis ruins do PIB. Há sinais de retomada?

**FERREIRA:** Para aumentar o investimento, não se precisaria de muito esforço. Se a carga

tributária está em 38% do PIB e era de 25% há dez anos, o esforço de aumentar o investimento em infra-estrutura de 2% para 4% do PIB seria mínimo e teria um impacto muito grande no crescimento do produto. Mas acho que isso não vai acontecer. Não é à toa que o governo parece estar caminhando para a privatização de estradas.

**LEDA:** Como ampliar a formação bruta de capital fixo com uma taxa de juros desse tamanho? Não aconteceria em lugar algum do mundo. O que afeta os investimentos, particularmente no caso do Brasil, é o fato de que quem faz investimento pesado é o Estado. Sempre foi assim. O Estado faz investimento pesado e puxa o investimento privado. Agora, juntou a fome com a vontade de comer, porque o Estado não investe nada por causa do superávit primário e ainda há uma taxa de juros desse tamanho. Há um conservadorismo total.

• Como vêem o Brasil neste e nos próximos anos?

**FERREIRA:** No curto prazo, teremos dois movimentos. Vai continuar a queda dos juros, com algum impacto final positivo para o crescimento. Por outro lado, se vier o aumento do salário-mínimo para R\$ 350, haverá mais um movimento a deteriorar as contas públicas. Isso vai ser muito ruim. Não será surpresa para ninguém se alcançarmos uma arrecadação de 40% do PIB, um resultado de país milionário. Não é arrecadação de país médio como o Brasil. Então, o que teremos é um pouco de mais do mesmo: continuação do aumento dos gastos públicos de qualidade ruim e acho pouco provável que o governo Lula consiga aumentar o investimento em infra-estrutura, que é fundamental. Continuaremos com desempenho, na média, medíocre.

**LEDA:** A política econômica do Lula foi muito mais conservadora do que seria com José Serra (prefeito de São Paulo e candidato derrotado à presidência em 2002). Sendo ele tucano, não precisaria provar que estava afinado com aquela política econômica, como foi o caso do Lula e do PT. Então, talvez não tivéssemos resultados tão ruins. Hoje, acho que, se reeleito, o governo Lula vai continuar na mesma toada. Se até a crise política foi usada para reforçar a política, por exemplo, blindando o ministro da Fazenda (Antonio Palocci), não acredito que nada mude substancialmente. ■

